



**Veredas Atemática**

**VOLUME 16 nº 2 - 2012**

---

**Narrativa e identidade:  
Contribuições da avaliação no processo de (re-)construção  
identitária em sala de aula universitária**

Adriana Nogueira Nobrega (PUC-Rio)  
Célia Elisa Alves de Magalhães (PUC-Rio)

**RESUMO:** Este trabalho analisa narrativas orais de experiências pessoais produzidas em sala de aula. O processo de (re-)construção identitária é investigado a partir da noção de *nós* e *outros* (DUSZAK, 2002) e do conceito de moralidade (TAYLOR, 1997). O arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa fundamenta-se na perspectiva sócioconstrucionista de narrativa (BRUNER, 1997 [1990]; SACKS, 1984; MOITA LOPES, 2001; BASTOS, 2005). Resultados revelam que durante a narrativa os participantes (re-)organizam sua experiência e (re-)constroem sua identidade de forma solidária, evidenciando a noção de narrativa como prática social e lócus para o processo identitário.

Palavras-chave: narrativa; avaliação; identidade.

### **Introdução**

A narrativa de histórias é parte integrante de diversos contextos. Bruner (2002, p. 3) observa que “... estamos tão acostumados à narrativa que esta parece ser tão natural como a própria linguagem”. Essa característica da narrativa permite-nos considerá-la uma prática social

que permite a elaboração de experiências pessoais e coletivas, através de diferentes interações em diversos espaços sociais, inclusive no ambiente pedagógico.

O presente estudo tem por objetivo analisar as narrativas de experiências pessoais produzidas em sala de aula enfocando, principalmente, a contribuição dos elementos avaliativos no processo de (re-)construção de identidade. Com base na noção de *nós* e *outros* (DUSZAK, 2002), igualmente objetivamos investigar como este processo de (re-)construção identitária é produzido, ou seja, é co-construído no contexto pedagógico. Também usamos o conceito de Taylor (1997) sobre a questão da identidade e moralidade para pontuar a influência das escolhas morais no processo de (re-)construção identitária.

Tomando por base uma visão sócioconstrucionista de narrativa (BRUNER, 1997 [1990]; SACKS, 1984; MOITA LOPES, 2001; BASTOS, 2005, entre outros), iniciaremos este estudo com uma discussão acerca da prática narrativa e sua relação com avaliação, prática social e identidade, propondo que estes elementos são interdependentes. A análise das narrativas de experiências pessoais será realizada de acordo com uma metodologia qualitativa e interpretativa de análise, sendo as questões propostas discutidas a partir da investigação de dados coletados em uma turma de curso de pós-graduação, em uma universidade do Rio de Janeiro.

## 1. Prática Narrativa

Os estudos sobre narrativa foram introduzidos na área da Sociolinguística pelos trabalhos dos linguistas Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972). Segundo estes autores, uma narrativa pode ser definida como sendo “um método de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de fatos que (infe-re-se) ocorreram de fato” (LABOV, 1972, p. 359).

Diversos outros trabalhos surgiram após os estudos de Labov, trazendo uma nova proposta de narrativa, de acordo com uma visão sócioconstrucionista (BRUNER, 1997 [1990]; SACKS, 1984; MOITA LOPES, 2001; BASTOS, 2005,). Esta nova concepção não mais entende as narrativas como forma de recapitulação de eventos passados, mas sim como recontagens contextualizadas de lembrança de eventos. É com este posicionamento sócioconstrucionista que a presente pesquisa se alinha, com o intuito de analisar como o processo de (re)construção identitária se revela através do relato de narrativas de experiências pessoais produzidas em sala de aula universitária. Com esta nova visão, a narrativa pode ser entendida muito mais como uma reconstrução de experiências (BASTOS, 2005, 2008; BRUNER [1990]1997) do que uma mera representação de eventos passados, já que estamos sempre reconstruindo nossas histórias em função da situação na qual estamos envolvidos.

Dentre os estudos que defendem esta nova visão de narrativa destacam-se os trabalhos de Jerome Bruner (1997[1990]). Diferentemente da perspectiva laboviana, os estudos relacionados a narrativas propostos por Bruner tomam por base o contexto e a cultura das histórias em si, bem como do local e situação onde a narração está ocorrendo. Para Bruner (1997[1990]), a narrativa é, assim, organizadora da experiência humana.

Neste trabalho objetivamos analisar essencialmente narrativas de experiências pessoais e, portanto, tomamos como base a definição proposta por Dyer & Keller-Cohen (2000, p. 287), que entendem a narrativa de experiência pessoal como “uma recontagem oral de eventos passados,

onde um narrador em primeira pessoa encontra-se envolvido.”<sup>1</sup> Um fator de extrema importância para esta análise refere-se ao aspecto de espontaneidade das narrativas, já que consideramos ser este um elemento de diferenciação entre narrativas de experiências pessoais e diversas outras modalidades de narrar.

## 2. Narrativa e avaliação

A investigação dos elementos avaliativos na narrativa também teve início a partir dos estudos propostos por Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972), que sugerem uma estrutura básica da narrativa. Tal estrutura compõe-se de seis elementos, a saber: *resumo*, *orientação*, *ação complicadora*, *avaliação*, *resolução* e *coda*. Para o presente estudo, entretanto, apenas o elemento *avaliação* será relevante para discussão e análise.

Segundo Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972), a função da avaliação é informar sobre a carga dramática e/ou emocional da situação, eventos e/ou protagonistas da narrativa. A avaliação é entendida pelos autores como a razão de ser da narrativa, já que esta é o meio do qual o narrador se utiliza para indicar o porquê de uma história ser ou não contável (reportável), bem como para indicar qual o ponto da mesma (isto é, o motivo pelo qual uma história é contada).

Ainda de acordo com estes autores, a avaliação pode se dar de duas maneiras durante o relato de uma história – de forma *externa* ou *encaixada*. A externa pode ser encontrada quando um narrador pára o relato de sua experiência para comunicar diretamente ao ouvinte qual o seu ponto de vista sobre o fato narrado. Na avaliação encaixada, a carga dramática da avaliação seria dada de forma indireta, através de recursos linguísticos, tais como entonação, alongamento de vogais, aceleração ou diminuição do ritmo de voz, aumentar ou diminuir o ritmo da voz e repetições. Deste modo, percebemos que a avaliação nem sempre suspende o ato de narrar. Segundo Lira (1987), quando um narrador suspende a ação de narrar para informar sobre a carga dramática ou clima emocional da situação ou do protagonista (avaliação externa), a avaliação tem uma função estrutural e, quando isto não ocorre, ou seja, no caso da avaliação encaixada, a continuidade dramática da narrativa é preservada.

O ponto central do estudo da avaliação pode ser entendido, deste modo, como o elemento chave do narrador para enriquecer a narrativa, tornando-a mais interessante e, conseqüentemente, prendendo a atenção do ouvinte. É o que, segundo Reissman(1993, p. 20), pode ser entendido como a “alma da narrativa”.

### 2.1. Narrativa, avaliação e prática social

Vários autores basearam seus estudos a partir dos pressupostos de Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972). Dentre eles destacamos o estudo de avaliação proposto por Charlotte Linde (1993, 1997). Expandindo a clássica e já comentada definição de avaliação proposta por Labov (1972), a autora analisa a estreita relação entre avaliação e prática social, ao analisar a avaliação como elemento de negociação em interações sociais. Tal relação torna-se essencial para

---

<sup>1</sup> Assim como as autoras, reconhecemos que narrativas também podem ser projetadas ao futuro, conforme apontado por Ochs, 1994 (in DYER & KELLERO-COHEN, 2000).

o presente estudo, que se alinha fundamentalmente com esse conceito para estabelecer uma possível relação entre avaliação e (re-)construção identitária.

Linde (1997, p. 152) entende avaliação como um “fenômeno extremamente persuasivo.” De acordo com a autora, podemos considerar como avaliação “qualquer instanciação produzida pelo falante que indique sentido social ou valor de uma pessoa, coisa, evento ou relacionamento” (op. cit., p.152). Tal posicionamento considera a avaliação como fator relacionado intrinsecamente à dimensão moral da linguagem.

Ao ampliar a noção de avaliação, Linde (1997) propõe duas dimensões avaliativas: *referência à reportabilidade e referência às normas sociais*. A primeira diz respeito ao fato de uma dada história relatar eventos não previsíveis e/ou esperados. Eventos totalmente esperáveis não podem constituir a base de narrativas. Assim como para outros autores (BRUNER (1997[1990], SACKS, 1984 in GARCEZ, 2001, por exemplo), o critério de excepcionalidade é essencial para Linde.

A segunda dimensão da avaliação usada para estruturar a narrativa refere-se às normas sociais – aos comentários morais ou percepções do mundo, ou de como este mundo deveria ser; quais comportamentos são ou não adequados, que tipo de pessoas falantes e ouvintes são, ao criarem, juntos, uma forma particular de julgamento normativo. Para Linde (1997, p. 153), “uma avaliação deste tipo compõe o coração da narrativa; a narrativa oral é muito mais sobre como alcançar um acordo sobre significados morais de diversas ações do que uma simples narração destas mesmas ações”.

A prática social de avaliar é entendida pela autora como fator essencial para a compreensão de uma determinada pessoa, de suas ações e de seu contexto. A avaliação não é entendida por Linde (1997) como produzida por um só falante, mas esta deve ser *negociada* por todos os participantes.

Esta negociação proposta por Linde (op. cit, p. 153) é ampliada neste estudo, quando proponho que a co-avaliação, ou seja, a avaliação realizada conjuntamente pelos participantes da interação, pode ser entendida como esta negociação.

### 3. Narrativa e identidade

Diversos têm sido os estudos que abordam a questão da identidade baseando-se na narrativa, que é considerada um dos possíveis lócus para a (re-)construção identitária. Para Moita Lopes (2001), por exemplo, um dos papéis das narrativas relaciona-se à questão de processo de construção de identidades sociais. Seu foco de interesse é, como ele mesmo reporta, “o papel que as narrativas desempenham na construção de identidades sociais nas práticas narrativas onde as pessoas relatam a vida social e, em tal engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros” (2001, p. 63). O relato de histórias revela, na prática de narrar, as identidades pessoais dos interlocutores. É a partir de nossas narrativas que dizemos quem somos, o que desejamos ou acreditamos, sempre nos reconstruindo a cada relato narrativo.

Mishler (1999) também analisa a narrativa como práxis e sugere que as narrativas de experiências pessoais e as histórias de vida não devem ser entendidas apenas como ações socialmente situadas, mas também como performances identitárias e como uma forma de fusão entre forma e conteúdo. Se as pessoas tendem a explicar suas ações para si mesmas e para os

outros através de histórias (EWICK e SILBEY, 2003, p. 1340), nada mais natural do que compreender a narrativa como forma de (re-)construção constante de identidades sociais.

A narração de histórias, como já dito, tem sido considerada importante por diversos autores. Não apenas por serem estas possíveis representações de eventos passados, mas, igualmente, pelo que essas histórias revelam a respeito do narrador como um agente social que modela a sociedade onde se encontra e, que ao mesmo tempo, é por ela modelado, conforme apontam Dyer & Keller-Cohen (2000, p. 28).

### 3.1 Nós e outros: uma forma de (re-)construção identitária

Os conceitos de *nós* e *outros* são desenvolvidos a partir de nossos valores, crenças, estilos de vida, nossas experiências e expectativas. Nossas afiliações e alinhamentos só podem ser construídos a partir da comparação entre *nós* e *outros*. Enquanto estamos interagindo com outras pessoas, nós procuramos por sinais de proximidade (solidariedade) e distância (DUSZAK, 2002). É através desse posicionamento em relação ao *outro* que, ao nos alinharmos com alguns, nós também nos separamos de outros. Este fato proporciona o que chamamos de *inclusão* ou *exclusão social*, bem como gera posicionamentos sociais de *ingroup* e *outgroup*<sup>2</sup>.

A linguagem é o maior indicador de relações sociais próximas ou distantes, possuindo inúmeros recursos para sinalizar a distinção ‘*nós-outros*’, tornando-os relevantes para o entendimento de como indivíduos ou grupos se engajam em (futuras) interações. Uma das formas de construção de *ingroupness* é o uso do pronome *nós*, estando sempre em oposição ao *eles* (*outgroupness*). *Nós* e *eles* podem ser habilidosamente usados no discurso com o intuito de construir, redistribuir, ou modificar valores sociais de inclusão ou exclusão.

Através do contraponto entre *nós* e *outros* entendemos, como indicado por Tajfel (1981, p. 124 in DUSZAK, 2002, p. 2), que “*nós* somos o que somos porque eles não são o que nós somos”.

### 3.2. Identidade e configurações morais

A questão da construção da identidade moderna postulada pelo filósofo canadense Charles Taylor (1997) encontra-se entrelaçada à noção de moralidade, que está embasada nos seguintes conceitos: configurações, noção de avaliação forte, pano de fundo, narrativa e articulação. Neste trabalho serão utilizados somente os dois primeiros conceitos: configurações e avaliações fortes.

A moralidade para Taylor pressupõe a tese de que é impossível à pessoa humana isentar-se de configurações morais. Tais configurações se referem a um “conjunto crucial de distinções qualitativas” (TAYLOR, 1997, p. 35) que “proporcionam o fundamento, explícito ou implícito, de nossos juízos, intuições ou reações morais (op. cit., p. 42). Nesse sentido, responder a pergunta “Quem sou eu?” significa compreender aquilo que tem importância para nós; saber em que posição nos colocamos; determinar o que é bom ou ruim, o que vale ou o não vale a pena fazer, o que apoiamos ou desaprovamos, o que é trivial ou secundário (op. cit., p. 44).

---

<sup>2</sup> Alguns termos foram mantidos em inglês por melhor representar as noções que denotam.

Percebe-se que as várias faces da identidade moderna estão em nosso imaginário influenciando ou determinando nossas escolhas morais. Talvez por isso, Taylor tenha decidido ampliar o leque de concepções para aquilo que é normalmente descrito como “moral” (op. cit, p. 44). Além de nossas noções e reações relativas a assuntos morais como justiça e respeito à vida, ao bem-estar e à dignidade das outras pessoas, Taylor considera o que está na base da nossa própria dignidade ou aquilo que torna nossa vida significativa ou satisfatória. Em suma, Taylor (1997, p. 28) ressalta que a moralidade não pode ser definida somente em termos do respeito ao próximo, das nossas obrigações para com os demais. Outras questões também moldam nossa moral e, portanto, nossa identidade. São as interrogações de avaliação forte, isto é, são as questões que:

(...) envolvem discriminações acerca do certo ou errado, melhor ou pior, mais elevado ou menos elevado, que são validadas por nossos desejos, inclinações ou escolhas, mas existem independentemente destes e oferecem padrões pelos quais podem ser julgados (TAYLOR, 1997, p. 17).

As interrogações de avaliação forte como, por exemplo, “o que é uma vida digna”, determinam nossos modos de compreender o que significa uma vida plena. Decisões cotidianas, como a escolha entre ir à praia ou ao cinema no domingo, não são escolhas qualitativas, pois não têm a mesma importância para a construção identitária. A identidade é construída a partir de avaliações fortes no espaço moral e é impossível ao ser humano renunciar a tais avaliações. É importante ressaltar que o conceito de avaliação forte não se refere aos desejos fortes que a pessoa possa sentir, mas ao que se considera idealmente desejável num dado contexto.

#### 4. Metodologia

Este estudo insere-se em um paradigma de pesquisa qualitativa e interpretativa. Os dados foram coletados em uma universidade da zona sul do Rio de Janeiro, mais especificamente em uma turma da disciplina *Pragmática*, de um curso de pós-graduação em Estudos da Linguagem. Desta turma participavam uma professora e vinte alunos, dentre esses doze de curso de Mestrado e oito de Doutorado.

O corpus da pesquisa constitui-se de gravações realizadas durante cinco aulas, sendo cada uma delas com duração de três horas e os dados foram gravados em áudio e vídeo. Durante as aulas gravadas estavam ocorrendo seminários de textos, quando apresentações estavam sendo feitas por diferentes alunos. Para o presente estudo, contudo, apenas uma aula foi selecionada e um único fragmento foi escolhido para análise de um fragmento de narrativa pessoal.

Os dados foram analisados visando discutir as noções de avaliação e identidade, bem como estabelecer uma relação entre as mesmas. Por considerarmos a avaliação um elemento léxicogramatical e também semântico, qualquer evento que indique um valor atribuído aos eventos narrados ou, de certa forma, ao narrador, aos protagonistas ou a situação relatada, poderá ser considerado como elemento avaliativo.

Reissman (1993) corrobora esta idéia ao entender que investigadores não possuem acesso direto às experiências de outros, postulando que o que fazemos é lidar com representações ambíguas das mesmas. Deste modo, não podemos ser neutros ou objetivos, nem meramente

representar (em oposição a interpretar) o mundo (PELLER, 1987 in REISSMAN, 1993, p.8). Tais concepções revelam que, por muitas vezes, a presente análise poderá ser uma decisão intuitiva (LIRA, 1987 p. 109).

## 5. Análise dos dados

Durante a aula na qual a narrativa abaixo foi produzida, a aluna Vivi estava apresentando seu seminário sobre *Atos de fala e cultura*. Para tanto, a aluna se baseava no texto *Different languages, different cultures, different acts. Polish x English* de Anna Wierzbicka (1985).

Apesar de vinte alunos e a professora estarem presentes no dia de gravação da aula em questão, apenas quatro participantes se relacionam diretamente à situação narrativa escolhida para análise: a professora Carla e os alunos Fábio, May e Joana. A aluna Joana é a narradora do trecho selecionado. Sendo casada com um inglês, Joana morou na Inglaterra, quando vivenciou a experiência aqui relatada.

Antes que a narrativa de Joana tivesse início (linha 37), estava ocorrendo uma discussão sobre a questão de cruzamento cultural, quando algumas comparações entre diferentes culturas estavam sendo realizadas (linhas 27 a 36). Esta observação é necessária para que possamos entender o contexto no qual a narrativa de Joana foi produzida.

### Fragmento 1

#### Excerto 1

27	<b>Fábio</b>	[= quer dizer ela não fala assim porque ela ACHA
28		que ela é superior ela fala assim >porque ela fala
29		<u>assim</u> < ((falas sobrepostas de outros participantes))
30		mesmo achando que ela está ali para te <u>servir</u> ela
31		fala assim
32	<b>Carla</b>	[é que o gostaria de novo a forma <u>indireta</u>
33		convencional né? de (.) alguém né fazer o outro
34		dizer o que que ele quer né é isso que ela tá
35		falando ((referindo-se à autora do texto)) ela não
36		faz isso ↓NÓS fazemos isso

É baseada na fala da professora Carla (linhas 32 a 36) acerca das contribuições dadas pelo aluno Fábio sobre a cultura portuguesa, que a aluna Joana inicia sua narrativa (linha 37).

#### Excerto 2

37	<b>Joana</b>	a gente tá falando em <u>linguagem</u> mas às vezes há há
38		há <u>lacunas</u> mesmo <u>culturais</u> eu passei VÁRIOS vexames
39		mas o vexame que eu mais me <u>lembro</u> é quando eu eu
40		contratei um serviço e eu liguei >isso na
41		Inglaterra< eu liguei para a empresa e a empresa
42		"sim a senhora só faz então um depósito ↑ <u>bancário</u> "
43		e aí isso era na segunda feira digamos e eles
44		iriam fazer o trabalho na minha casa na quarta
45		feira então eu <u>sabia</u> que eu tinha que ir ao
46		banco >brasileira pensando< eu vou ao banco vou
47		fazer o depósito vou pegar um recibo vou mandar um

48		fax pra eles saberem pra eles poderem vir na minha
49		<u>casa</u> só que eu esqueci né ou melhor não <u>quis</u>
50		acreditar que a a questão deles que é: eles
51		acreditam na palavra da pessoa até que se diga o
52		contrário então quando você vai ao banco eu tinha
53		conta bancária mas eu nunca tinha atentado pra isso
54		você faz um depósito não <u>existe</u> um recibo bancário
55		o máximo que eles fazem fazem um carimbozinho no
56		canhotinho ((gesticula)) uma quizumba no banco
57		porque eu queria o tal do recibo e aí veio o
58		gerente veio veio ↑quase o dono do banco falar
59		comigo eu só saí eu só saí do banco quando eles
60		fizeram uma carta pra mim =

Podemos observar que Joana inicia sua narrativa fazendo um contraponto entre *nós* e *eles*, sendo o *eles* representado pela fala “isso na Inglaterra” (linhas 40-41) e *nós* por “brasileira pensando” (linha 46). Apesar da primeira fala poder ser vista como uma orientação, considero as duas falas como elementos avaliativos, quando Joana estabelece duas categorias: *ingroup* (“brasileira pensando”) e *outgroup* (“isso na Inglaterra”).

Neste momento inicial, Joana parece estar procurando uma justificativa para o seu vexame, já que, como brasileira, a aluna não compreendia a forma de pensar e agir dos ingleses, no que diz respeito ao uso do sistema bancário. O posicionamento de Joana como brasileira também se torna claro quando ela descreve a forma de pagamento do serviço a ser prestado de acordo com a cultura brasileira “eu vou ao banco vou fazer o depósito vou pegar um recibo vou mandar um fax pra eles saberem pra eles poderem vir na minha casa (...)” (linhas 46 a 49). Ir ao banco, fazer um depósito e passar um fax é uma atitude comumente tomada no Brasil como forma de comprovação de pagamento. A não compreensão de Joana de um fato cotidiano (uso do sistema bancário) aponta para o seu posicionamento como *outgroup* da cultura britânica e para a necessidade da (re-)construção de sua identidade como brasileira.

Uma análise mais detalhada do trecho em questão nos leva a observar que, nesse momento, Joana parece estar realizando, simultaneamente, duas avaliações: da cultura britânica e de seu vexame. Podemos observar a presença de sete usos do pronome *eles* (uma ocorrência na linha 43, duas na linha 48, duas na linha 50 – com o uso de *deles* – e linhas 55 e 59). Observamos claramente que as três primeiras ocorrências do pronome relacionam-se aos funcionários da empresa que realizaria o serviço na casa de Joana. Contudo, na linha 50 essa referência sofre uma alteração quando o pronome *eles* passa a se referir aos ingleses em geral, isto é, à cultura inglesa e, a partir desse ponto, *eles* passa a ser entendido como os moradores do contexto no qual Joana encontrava-se inserida. Fica claro, nesse momento, que o processo de avaliação de Joana refere-se à cultura inglesa e não ao seu vexame. Já nas linhas 55 e 59, *eles* passa a se referir aos funcionários do banco, integrantes da cultura britânica, atuantes em um sistema bancário diferente do conhecido por Joana. A partir desta avaliação a aluna pode realizar seu processo de (re-)construção identitária, revelando uma intrínseca relação entre avaliação e identidade.

Mais um momento de (re-)construção identitária ocorre nas linhas 45 e 46 (“eu sabia que tinha que ir ao banco”) em oposição ao trecho relatado entre as linhas 49 e 52 (“eu esqueci né ou melhor não quis acreditar que a a questão deles que é: eles acreditam na palavra da pessoa até que se diga o contrário”). Joana mais uma vez avalia a cultura inglesa para poder organizar sua



experiência e entender o que aconteceu. A aluna age como uma brasileira, já que diz que sabia que tinha que ir ao banco para fazer o depósito e pegar um recibo (mesmo isto não sendo necessário na Inglaterra, como dito anteriormente). Para justificar sua atitude, Joana diz que não quis acreditar nos valores morais dos ingleses quanto a acreditar na força da palavra alheia, já que em sua cultura ocorre justamente o contrário. Curiosamente, não ocorre neste momento – nem nos seguintes, como veremos – nenhum tipo de crítica a nenhuma das duas culturas. A (re-) construção da identidade da aluna através da avaliação acontece de maneira não contestadora dos valores ou crenças das culturas inglesa e brasileira. Novamente, ao contrapor os dois contextos em questão, Joana posiciona-se como membro integrante da cultura brasileira (*ingroup*) e não membro integrante da inglesa (*outgroup*). Na verdade, Joana reage de maneira a validar aquilo que seria correto em sua cultura como brasileira; ou seja, sair do banco somente após ter a carta comprovando o depósito feito (linhas 59 e 60). Essa avaliação forte (TAYLOR, 1997) determina sua escolha, o que corrobora para a sua (re-)construção identitária no contexto da história, segundo suas configurações morais (e culturais). Constata-se, então, que o contexto da narrativa e o contexto da história encontram-se entrelaçados no processo de (re-)construção identitária.

No excerto 3, a seguir, podemos notar uma avaliação do evento, do vexame sofrido por Joana e não mais da cultura britânica, como analisado anteriormente.

### Excerto 3

61	Todos	((risos))
62	Joana	= e eu falava eu falava assim eu quero papel
63		timbrado com carimbo e assinado eu falava isso o
64		tempo <u>todo</u> papel <u>timbrado</u> carimbo e assinado °e o
65		gerente veio falar comigo° mui:to educado “sim a
66		senhora me diz exatamente o que a senhora quer que
67		eu ponha na carta” e eu falei exatamente e ele botou
68		papel timbrado carimbo e assinado

O relato da história de Joana provoca risos dos participantes da interação, como notamos na linha 61. O riso, segundo Holmes & Marra (2002), é reconhecido como uma estratégia eficaz na construção de coesão grupal, proporcionando solidariedade entre os membros do grupo social e auxiliando na construção do “espírito de time”. Neste artigo, o humor é considerado como uma possível forma de avaliação da história de Joana e um demarcador de solidariedade entre ela e os outros participantes da interação.

Entre as linhas 62 e 69, Joana realiza mais um momento de avaliação. Usando tanto a avaliação encaixada (uso de fala mais baixa<sup>3</sup> na linha 65 e alongamento da vogal *i* na palavra muito, na linha 65, por exemplo), bem como externa (quando reporta a fala do gerente do banco nas linhas 65 e 66), a narradora, mais uma vez, evidencia um momento de seu processo de (re-)construção de identidade. Ao conseguir que o gerente fizesse o que desejava, ou seja, que lhe desse um recibo de seu depósito, Joana reafirma sua identidade no que se refere a sua nacionalidade, já que tal recibo faz parte do sistema bancário brasileiro, de seu modo de agir e pensar, de seu país. Observa-se também que as atitudes de Joana no espaço moral da história revelam que é impossível ao ser humano prescindir de suas avaliações fortes e que estas também estão intrinsecamente associadas ao processo identitário. A partir do próprio ato de

<sup>3</sup> As convenções de transcrição se encontram no anexo deste artigo.

narrar as suas escolhas morais, Joana reforça a importância da moralidade no contexto da (re-)construção identitária, tanto no ambiente relatado quanto no contexto do relato.

No próximo excerto, na linha 69, Fábio realiza uma avaliação da atitude de Joana. Esta co-avaliação é importante para o momento de (re-)construção identitária de Joana. Ela segue sua avaliação na linha a seguir, a partir da avaliação realizada pelo colega de turma na linha anterior.

#### Excerto 4

69	<b>Fábio</b>	(e aí a empresa não te pediu nada) ((risos))
70	<b>Joana</b>	= não aí aí eu liguei para a empresa e falei olha eu
71		já fiz o depósito você quer que eu mande o fax?
72		"<não não não senhora não tudo bem>" e eu assim
73		((fazendo gesto de foi tudo em vão))

Por ser membro da cultura brasileira, Fábio pode afirmar que a empresa nada pediu a Joana como forma de comprovação de seu pagamento. O aluno também se encontra em processo de (re-)construção de identidade já que, ao contribuir para o relato de Joana, isto é, ao co-narrar, Fábio também envolve-se nesse processo. Joana faz uso de recursos que funcionam como negação enfática, como a repetição da palavra *não*, e de fala mais lenta (linha 72); além de informações paralinguísticas, expressas no gesto de tocar no rosto sinalizando que ficou *de cara no chão*. Tais recursos evidenciam o uso de avaliação encaixada por Joana. Aliás, como podemos observar até o presente momento, a narradora parece fazer mais uso deste tipo de avaliação em detrimento de avaliações externas o que, como comentado anteriormente, confere uma maior continuidade ao processo de narração.

Outro tipo de avaliação acontece no momento seguinte, quando a professora Carla faz uma avaliação da história de Joana.

#### Excerto 5

74	<b>Carla</b>	é eu acho que <u>fala</u> dessa diferença né pra pra nós
75		da <u>cultura</u> brasileira que tudo tem que <u>passar</u> pelo
76		texto <u>escrito</u> né por exemplo na a-a ETS mesmo com
77		toda a <u>influência</u> americana ela fez toda uma
78		campanha chamada <u>paperless</u> que era pra tentar
79		tirar <u>muito</u> papel de coisas que você pode
80		resolver pelo telefone o que na cultura americana
81		é uma coisa que você diz ↑"olha você pode me
82		mandar isso?" "ah tá eu mando" na cultura
83		brasileira a mesma cena é assim "você pode me
84		mandar isso?" "posso sim então mas faz o <u>seguinte</u>
85	pede <manda uma carta pedindo>" =	

Diferentemente das avaliações anteriores, Carla faz uma avaliação do vexame de Joana de acordo com uma perspectiva teórica da pragmática. Entretanto, através de tal análise, a professora alinha-se como brasileira quando diz na linha 74 "é eu acho que fala dessa diferença né pra pra nós da cultura brasileira que tudo tem que passar pelo texto escrito né". O uso da palavra *nós* revela um momento de solidariedade, de alinhamento da professora com Joana: as duas são brasileiras e fazem parte do mesmo grupo. Aqui, a professora também realiza um contraponto entre *ingroup* (Brasil) e *outgroup* (Inglaterra), explicando, através desta oposição, não apenas a

atitude de Joana, mas o texto apresentado no momento de produção da narrativa analisada. Carla demonstra esta oposição ao repetir duas vezes a palavra “cultura brasileira” (linhas 75 e 82-83),

O uso da história de Joana como exemplo para o entendimento do texto apresentado pela aluna Vivi confirma o caráter dual da narrativa (Bruner, 1997 [1990]), quando dois mundos estão sendo cruzados (o da história relatada, e o do local onde a história está sendo narrada). Isto demonstra a importância de narrativas de experiências pessoais em contextos pedagógicos, já que estas se mostram como potenciais mediadores na construção do conhecimento, sendo este relacionado não apenas ao contexto pedagógico, no caso o texto relativo a cruzamento cultural, mas também ao entendimento de Joana da experiência por ela vivida. (Nóbrega, 2009)

Os turnos finais da narrativa de Joana referem-se a momentos de co-avaliação de sua história. Notamos que, na linha 86, uma aluna alinha-se com a atitude de Joana, também posicionando-se como *ingroup* da cultura brasileira.

### Excerto 6

86	<b>Maria</b>	é você tem que estar comprova:ndo tudo
87	<b>Carla</b>	[= entendeu você tem que estar <u>sempre</u>
88		comprovando tudo e eu acho que você reagiu assim
89		dentro desta cultura
90	<b>Joana</b>	[timbrado carimbo e assinado
91		((fazendo gestos de carimbar e assinar)) não é
92		isso que a gente tem?
93	<b>May</b>	[ ( ) pô esta mulher não sabe como é
94		que é as coisas funcionam?
95	<b>Joana</b>	[e a vergonha depois? isso era na
96		MINHA agência bancária entendeu e depois a
97		vergonha disso =
98	<b>Maria</b>	[lá vem ela
99	<b>Joana</b>	= ( ) voltar lá e ((tocando no rosto mostrando a
100		face))
101	<b>Carla</b>	[ele devia ter te perguntado “o que que a senhora
102		fez com a carta?” ((risos)) porque ele sabia que
103		eles NÃO iam pedir a carta
104	<b>Paulo</b>	( )
105	<b>Joana</b>	eu devo ter ficado conhecida, né?
106	<b>Carla</b>	( )
107	<b>Fábio</b>	[ ( ) OI gente tudo bem?
108	<b>Carla</b>	AH lá o TURNO Vivi ((pedindo para a aluna Vivi
109		continuar sua apresentação)) it’s yours ((risos))

Entre as linhas 87 e 89, Carla continua sua avaliação tendo por base o conteúdo pedagógico, procurando explicar a Joana sua própria atitude. Ao agir deste modo, Carla constrói a identidade de Joana como brasileira, bem como a sua. Simultaneamente, Carla também constrói a identidade dos *outros*; isto é, daqueles em cuja sociedade tais procedimentos não são necessários devido a aspectos da moralidade materializados em uma atitude de respeito e credibilidade na palavra do outro.

Entre as linhas 90-92, 95-97, 99-100 e 105, Joana torna a avaliar seu comportamento. Na linha 90, ao repetir mais uma vez as palavras, “timbrado, carimbo e assinado”, bem como utilizar elementos extralinguísticos para reforçar sua ação, a narradora avalia de forma encaixada sua

atitude. Além disso, nas linhas 91 e 92, a aluna cria um momento de inclusão social quando, ao dizer “não é isso que a gente tem” reforça a noção de identidade coletiva e de inclusão social de todos os participantes da interação.

Outros momentos co-avaliativos ocorrem nas linhas 93-94, 98, 101-103, 107, demonstrando a ocorrência de um processo de construção identitária em grupo, ou seja, de identidade coletiva que, segundo Duszak (2002, p. 2), “são sentimentos de inclusão e exclusão social que se desenvolvem com base em nossos valores, crenças, estilos de vida, experiências e expectativas. Apenas através da comparação de nós mesmos com os outros podemos construir nossas afiliações e não-alinhamentos.”

## Considerações finais

Este estudo teve por objetivo investigar a contribuição dos elementos avaliativos no processo de (re-)construção de identidade. Após a discussão apresentada, acreditamos ser possível que esta relação possa ser confirmada.

Conforme visto, a avaliação revelou ser um momento da narrativa de grande influência sobre o processo de (re-)construção identitária. Em diversos momentos, a análise do fragmento selecionado evidenciou que, através da co-avaliação do episódio ocorrido, não só a narradora (re-)organizou sua experiência, bem como (re-)construiu sua identidade como brasileira no mundo de sua história. Foi igualmente constatado que as questões de avaliação forte, também moldam nossa moral e, portanto, nossa identidade.

O processo de (re-)construção identitária foi realizado de forma solidária, com a contribuição e participação dos outros alunos e da professora, no contexto onde a história estava sendo narrada – a sala de aula, a partir do contraponto entre *nós* e *outros*. Tal fato parece evidenciar a noção de narrativa como prática social e locus para o processo de (re-)construção de identidade.

## ABSTRACT:

This work analyzes the production of oral narratives of personal experience produced in the classroom. The process of (re-)construction of identities is investigated in regard to the notion of *us* and *others* (DUSZAK, 2002) and to the concept of morality (TAYLOR, 1997). The theoretical-methodological architecture built in this research is based on a social-constructionist perspective of narratives (BRUNER, 1997 [1990]; SACKS, 1984; MOITA LOPES, 2001; BASTOS, 2005). Results reveal that during the narratives the participants (re-)organize their experience and (re-)build their identities in a cooperative way, highlighting the notion of narratives as a social practice and a locus in the identity process.

Key-words: narrative; evaluation; identity.

## Referências

BASTOS, Liliana C. Diante do sofrimento do outro – Narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópio* v. 6, n. 2, p. 76-85, mai./ago. 2008.

BASTOS, Liliana C. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma

introdução ao estudo da narrativa. *Caleidoscópio* 3(2), 2005. p.74-87.

BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997[1990].

BRUNER, Jerome. *Making stories: law, literature, life*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

DUSZAK, Anna. *Us and others. Social Identities across languages, discourses and cultures*. (Introdução). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

DYER, Judy & KELLER-COHEN, Deborah. The discursive construction of professional self through narratives of personal experience. *Discourse Studies*, 2(3), 2000.

EWICK, Patricia & SILBEY, Susan. Narrating social structures: Stories of resistance to legal authority. *American Journal of Sociology*, 2003. p.108-96.

GARCEZ, Pedro M. Deixa eu te contra uma coisa: o trabalho sociológico de narrar na conversa cotidiana. IN: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.

HOLMES, Janet & MARRA, Meredith (2002). Humour as a discursive boundary marker in social interaction. In Anna Duszak (ed.) *Us and Others: Social Identities Across Languages, Discourses and Cultures*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 377-400.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. IN: *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William & WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. IN: J. HELM, *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LINDE, Charlotte. Evaluation as linguistic structure and social practice. In B.L. Gunnarsson, P. Linell & B. Nordberg (Eds.). *The Construction of Professional Discourse*. London: Longman, 1997.

LINDE, Charlotte. *Life stories. The creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.

LIRA, Solange. A avaliação na narrativa. *Ilha do Desterro* 18, UFSC, 1987.

MISHLER, Elliot, G. *Storylines. Craftartits' narratives of identity*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. IN: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001

NÓBREGA, A. N. *Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico* [recurso eletrônico]: abordagem sociocultural e sociosemiótica. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: < <http://www.dbd.puc-rio.br>> Acesso em: 27 abr. 2012.

REISSMANN, Catherine. *Narrative Analysis*. Newbury Park: Sage, 1993.

SACKS, Harry. On doing “being ordinary”. In: Atikson, J. Heritage, J. (Orgs.). *Structures of social action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: A construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora Loyola, 1997.

WIERZBICKA, Anna. Different languages, different cultures, different acts. Polish x English. IN: *Journal of Pragmatics* 9, 1985. p. 145-178.

## ANEXO I Convenções de transcrição

...	pausa não medida	: ou ::	alongamentos
(2.3)	pausa medida	[	início de sobreposição de falas
.	entonação descendente ou final de elocução	]	final de sobreposição de falas
?	entonação ascendente	( )	fala não compreendida
,	entonação de continuidade	(palavra)	fala duvidosa
-	parada súbita	(( ))	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas	“palavra”	fala relatada
<u>sublinhado</u>	ênfase	↑	subida de entonação
<b>MAIÚSCULA</b>	fala em voz alta ou muita ênfase	↓	descida de entonação
°palavra°	fala em voz baixa	hh	aspiração ou riso
>palavra<	fala mais rápida	.hh	inspiração
<palavra>	fala mais lenta		

Convenções baseadas nos estudos da Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974; Atkinson e Heritage, 1984), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987), Tannen (1989), Castilho e Petri (1987) e Gago (2002).

## ANEXO II Fragmento 1

1	<b>Carla</b>	não necessariamente por exemplo no caso do outro
2		servindo lá o outro °um molhinho° não >(nos)
3		contextos com certeza< mas no caso do-do molho era
4		uma coisa <u>mui:to</u> micro muito localizada é como ele
5		faria um oferecimento ↑quer <u>molho?</u> o índia:no que
6		seria uma forma daquela uma entonação <u>daquele</u>
7		jeito que pra nós pra nós não pra eles =
8	<b>Joana</b>	[pra eles
9	<b>Carla</b>	[=inGLEses ((risos)) era
10		uma coisa <u>autoritá</u> ria <u>agressiva</u> mas pra E:LES
11		daquele grupo não <u>era</u> pros indianos não era era
12		uma entonação normal
13	<b>Fábio</b>	eu quando viajo (eu vou) de TAP e em relação =
14	<b>Alunos</b>	((risos e falas sobrepostas))
15	<b>May</b>	lá vem história
16	<b>Fábio</b>	((risos)) e assim aqui no Brasil ela ((referindo-
17		se à aeromoça)) pergunta "o que você gostaria de
18		beber?" lá =
19	<b>Carla</b>	[isso
20	<b>Fábio</b>	[=é "o que ↑vais beber?" e aí você acha
21		aquilo muito grosseiro ↑quem ela tá pensando que
22		ela é? né agora se você ( ) se você fizer uma
23		reclamação se você aumentar o tom de voz ela
24		NU:NCA vai responder a você aí ela se coloca numa
25		posição de sim senhor =
26	<b>May</b>	propositalmente
27	<b>Fábio</b>	[= quer dizer ela não fala assim porque ela
28		ACHA que ela é superior ela fala assim >porque ela
29		fala <u>assim</u> < ((falas sobrepostas de outros
30		participantes)) mesmo achando que ela está ali
31		para te servir ela fala assim
32	<b>Carla</b>	[é que o gostaria de novo a forma
33		indireta convencional né? de (.) alguém né fazer o
34		outro dizer o que que ele quer né é isso que ela
35		tá falando ((referindo-se à autora do texto)) ela
36		não faz isso ↓NÓS fazemos isso
37	<b>Joana</b>	a gente tá falando em <u>linguagem</u> mas às vezes há há
38		há <u>lacunas</u> mesmo <u>culturais</u> eu passei VÁRIOS
39		vexames mas o vexame que eu mais me <u>lembro</u> é
40		quando eu eu contratei um serviço e eu liguei
41		>isso na Inglaterra< eu liguei para a empresa e a
42		empresa "sim a senhora só faz então um depósito
43		↑ <u>bancário</u> " e aí isso era na segunda feira digamos
44		e eles iriam fazer o trabalho na minha casa na
45		quarta feira então eu <u>sabia</u> que eu tinha que ir ir
46		ao banco >brasileira pensando< eu vou ao banco vou
47		fazer o depósito vou pegar um recibo vou mandar um
48		fax pra eles saberem pra eles poderem vir na minha
49		casa só que eu esqueci né ou melhor não quis

50		acreditar que a a questão deles que é: eles
51		acreditam na palavra da pessoa até que se diga o
52		contrário então quando você vai ao banco eu tinha
53		conta bancária mas eu nunca tinha atentado pra
54		isso você faz um depósito não <u>existe</u> um recibo
55		bancário o máximo que eles fazem fazem um
56		carimbozinho no canhotinho ((gesticula)) uma
57		quizumba no banco porque eu queria o tal do recibo
58		e aí veio o gerente veio veio ↑quase o dono do
59		banco falar comigo eu só saí eu só saí do banco
60		quando eles fizeram uma <u>carta</u> pra mim =
61	<b>Todos</b>	((risos))
62	<b>Joana</b>	= e eu falava eu falava assim eu quero papel
63		timbrado com carimbo e assinado eu falava isso o
64		tempo <u>todo</u> papel <u>timbrado</u> carimbo e assinado °e o
65		gerente veio falar <u>comigo</u> ° mui:to educado "sim a
66		senhora me diz exatamente o que a senhora quer que
67		eu ponha na carta" e eu falei exatamente e ele
68		botou <u>papel timbrado carimbo e assinado</u>
69	<b>Fábio</b>	(e aí a empresa não te pediu nada) ((risos))
70	<b>Joana</b>	= não aí aí eu liguei para a empresa e falei olha
71		eu já fiz o depósito você quer que eu mande o fax?
72		"<não não não senhora não tudo bem>" e eu assim
73		((fazendo gesto de foi tudo em vão))
74	<b>Carla</b>	é eu acho que <u>fala</u> dessa diferença né pra pra nós
75		da <u>cultura</u> brasileira que tudo tem que <u>passar</u> pelo
76		texto escrito né por exemplo na a-a ETS mesmo com
77		toda a <u>influência</u> americana ela fez toda uma
78		campanha chamada paperless que era pra tentar
79		tirar mui:to papel de coisas que você pode
80		resolver pelo telefone o que na cultura americana
81		é uma coisa que você diz ↑"olha você pode me
82		mandar isso?" "ah tá eu mando" na cultura
83		brasileira a mesma cena é assim "você pode me
84		mandar isso?" "posso sim então mas faz o <u>seguinte</u>
85		pede <manda uma carta pedindo>" =
86	<b>Maria</b>	é você tem que estar <u>comprova:ndo</u> tudo
87	<b>Carla</b>	[= entendeu você tem que estar <u>sempre</u>
88		comprovando tudo e eu acho que você reagiu assim
89		dentro desta cultura
90	<b>Joana</b>	[timbrado carimbo e assinado
91		((fazendo gestos de carimbar e assinar)) não é
92		isso que a gente tem?
93	<b>May</b>	[( )pô esta mulher não sabe como é
94		que é as coisas funcionam?
95	<b>Joana</b>	[e a vergonha depois? isso era na
96		MINHA agência bancária entendeu e depois a
97		vergonha disso =
98	<b>Maria</b>	[lá vem ela



99 100	<b>Joana</b>	= ( )voltar lá e ((tocando no rosto mostrando a face))
101 102 103	<b>Carla</b>	[ele devia ter te perguntado "o que que a senhora fez com a carta?" ((risos)) porque ele sabia que eles NÃO iam pedir a carta
104	<b>Paulo</b>	( )
105	<b>Joana</b>	eu devo ter ficado conhecida, né?
106	<b>Carla</b>	( )
107	<b>Fábio</b>	[( ) OI gente tudo bem?
108 109	<b>Carla</b>	AH lá o TURNO Vivi ((pedindo para a aluna Vivi continuar sua apresentação))it's yours((risos))

Data de envio: 27/04/2012

Data de aprovação: 17/12/2012

Data de publicação: 06/02/2013